

Estudo exploratório sobre o acesso aos museus da Universidade de São Paulo

Exploratory study on access to museums of the University of São Paulo

Marcia Fernandes Lourenço^{*}, Djana Contier Fares^{**}, Juliana Rodrigues^{***},
Fernanda Luise Vidal Kistler^{****}, Viviane Panelli Sarraf^{*****}

Resumo: A Universidade de São Paulo - USP - possui 18 museus que poderiam permitir uma comunicação com a sociedade, por meio de sua visitação. O objetivo deste trabalho é analisar criticamente o acesso dos museus da USP e refletir sobre sua qualidade e quantidade de visitantes com e sem deficiência na categoria de público espontâneo e em grupos. Para essa análise foi feita uma pesquisa de campo com metodologia qualitativa por meio de entrevistas semiestruturadas com os responsáveis destas instituições e pesquisa teórica na área de acessibilidade e de educação em museus. Foi possível concluir que: não há uma política de acesso comum aos museus da USP ou desenvolvida e compartilhada por órgãos de governança da instituição; cada unidade é autônoma e independente das demais na definição de políticas de acesso e gestão de seu espaço. Como resultado dessa pesquisa são apresentadas algumas reflexões sobre a necessidade de articulação entre os museus, que pode ser iniciada com a realização de um grupo de trabalho integrado por profissionais e pesquisadores das unidades.

Palavras-chave: museologia, acesso, acessibilidade, museus universitários, USP.

^{*} Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade de Mogi das Cruzes e mestre em Ciências Biológicas (Zoologia) pela USP. Atualmente cursa o doutorado na Faculdade de Educação da USP em Educação em Museus. Trabalha como Educadora no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação em espaços formais e não formais de educação, educação para a Ciência, alfabetização científica, educação em museus, produção de materiais didáticos, formação de estagiários, treinamento de professores, ensino de Ciências. E-mail: mfer@usp.br

^{**} Doutoranda pela Faculdade de Educação da USP na linha temática de Ensino de Ciências e Matemática, Mestre pela mesma Instituição e Bacharel em Física pelo Instituto de Física da USP. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação em museus e outros espaços não formais de educação. Consultora da empresa PERCEBE - Pesquisa, consultoria e treinamento educacional.

^{***} Mestranda pelo Programa de Pós Graduação Interunidades em Ensino de Ciências (FE/IB/IQ/IF) da Universidade de São Paulo (USP). Possui Licenciatura em Ciências da Natureza pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Não Formal e Divulgação em Ciências da Faculdade de Educação (USP). Tem experiência na área de Ciências Naturais atuando principalmente nos seguintes temas: Divulgação Científica, Educação Não Formal e Ensino-Aprendizagem de Ciências.

^{****} Doutoranda em Educação (ênfase em Ensino de Ciências) pela Faculdade de Educação da USP, com pesquisa relacionada a Museus de História Natural. Possui graduação em Ciências Biológicas pela UFRJ. Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde do NUTES / UFRJ. Tem experiência profissional como professora do Ensino Fundamental (Ciências), Médio (Biologia); tutora do Ensino Superior Semi-presencial (Biologia e Pedagogia) e orientando licenciandos de Ciências Biológicas (Estágio supervisionado). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação em Ciências; organização de eventos e atividades de campo.

^{*****} Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, Mestre em Ciência da Informação pela ECA-USP, Especialista em Museologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e Graduada em Educação Artística pela FAAP. Realiza pesquisa em nível de pós-doutorado em Museologia no Programa de Pós Graduação Interunidades em Museologia da USP. Fundadora e representante legal da empresa de consultoria Museus Acessíveis. Foi Coordenadora da RINAM - Rede de Informação de Acessibilidade em Museus e responsável pela criação, documentação e conservação do acervo, criação do programa educativo, modernização, curadoria e programa de extensão cultural do Centro de Memória Dorina Nowill na Fundação Dorina Nowill para Cegos. Recebeu prêmios e títulos nacionais e internacionais nas áreas de Ação Cultural e Educativa, Museologia, Empreendedorismo e Pesquisa. Tem experiência na área de Acessibilidade, Museologia, Gestão Cultural, Curadoria e Comunicação, com ênfase em acessibilidade para pessoas com deficiência e públicos não usuais.

Abstract: The University of São Paulo - USP - has 18 museums allowing communication with society through their visitation. The aim of this study is to analyze critically the policy of access to the museums of the USP and discuss the impact of quality and quantity in visits of person with disabilities and without disability in spontaneous and organized visits. To compose the analysis was held a theoretical research in specific references in accessibility area and museum education. The methodology used was the qualitative investigation using semi-structured interviews with representatives of the five museums open in USP. It was concluded that: there is no common policy of access to USP museums or developed and shared by the institution governance; each unit is autonomous and independent in the definition of access policies and management of your space. As a result of this research we present some reflections on the need for coordination between the museums, which can be started with the realization of a working group of professionals and researchers of the units.

Keywords: museology, access, accessibility, university museums, USP.

1. Introdução

Todo ser humano tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir das artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios (Declaração Internacional dos Direitos Humanos, 1948 - Artigo XXVII).

Os museus e instituições culturais, desde a segunda metade do século XX, movem esforços para afirmar seu caráter de agentes de desenvolvimento social negando sua ligação original com as elites e com o poder, por meio do trabalho centrado no indivíduo e nas comunidades. O acesso aos museus brasileiros ainda é um direito a ser plenamente conquistado, uma vez que existem mecanismos de exclusão de várias parcelas da população que comprometem a liberdade dos cidadãos no uso e apropriação do patrimônio cultural preservado nessas instituições.

Segundo Coelho Neto (1997), o acesso cultural é formado por três dimensões a serem consideradas quando problematizamos as relações dos públicos de museus. O acesso físico, que é a possibilidade de contato direto com o produto cultural como as exposições, a biblioteca, o arquivo, as oficinas de ação educativa, os cursos e demais ofertas culturais; o acesso econômico, que é a possibilidade de produzir ou consumir o produto cultural, isso é ter acesso gratuito ou com valores de baixo custo para freqüentar os museus e participar das atividades de extensão oferecidas; o acesso intelectual, que se trata da possibilidade de uso ou apropriação do produto cultural, isto é, possibilidade de apreender um produto cultural em todas as suas dimensões e de transformá-lo em matéria-prima para elaboração de interpretações da vida e do mundo.

Para garantir o acesso intelectual, os profissionais responsáveis pelas estratégias de mediação cultural desenvolvem ações para aproximar diferentes

públicos dos produtos culturais, para fomentar a criação de sentidos e o pertencimento cultural em relação ao patrimônio cultural. Segundo Coelho Neto:

Essa aproximação é feita com o objetivo de facilitar a compreensão do patrimônio, seu conhecimento sensível e intelectual - com o que se desenvolvem apreciadores ou espectadores, na busca da formação de públicos para a cultura - ou de iniciar esses indivíduos e coletividades na prática efetiva de uma determinada atividade cultural (COELHO NETO, 1997, p. 248).

As políticas de acesso aos museus e as ações de mediação cultural são destinadas para formação e inclusão de diferentes públicos, entretanto, na maior parte das instituições culturais, os gestores e tomadores de decisão ignoram o fato de que os indivíduos que compõem os grupos de visitantes cativos e espontâneos possuem diferenças e necessidades específicas, e que muitas delas são condicionantes. Ao ignorar as diferenças dos indivíduos e deixar de atender suas necessidades específicas, são formadas as barreiras físicas, de comunicação, de informação e de atitude que tornam os museus pouco atrativos para grande parte da população.

Consideramos que a acessibilidade em museus é um conjunto de adequações, medidas e atitudes que visam proporcionar bem-estar, acolhimento e acesso à fruição cultural para pessoas com deficiência beneficiando públicos diversos.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde - OMS, 10% da população tem algum tipo de deficiência. No Brasil, o último Censo (2010) mostra um percentual de 23,9%. Adicionando a esse percentual o número de idosos, de pessoas com incapacidades temporárias (membros imobilizados, sequelas de AVC, pós-operatório, etc.), de gestantes, de pais com filhos pequenos e seus acompanhantes, estamos falando de aproximadamente 40% da população. Diante desses números, Ruiz e Lledó (2013) nos questionam: “Um museu ou instituição cultural pode abrir mão de 40% do seu público?”

Para garantir o direito de acesso ao patrimônio cultural sem discriminação e afirmando o respeito às diferenças, as instituições culturais precisam realizar adequações de acessibilidade universal que envolvem a eliminação de barreiras físicas, comunicacionais, de informação e atitudinais. Ainda sobre a função social dos museus, segundo Guarnieri:

Os museus são filhos da sociedade que os engendra e, como todos os filhos, servem para ajudar os “pais” no seu processo de atualização, de reciclagem do mundo. Os museus são microssistemas dentro do sistema social; interagem um com o outro. Podem e devem ser os grandes agentes dos processos ligados à Humanização e ao respeito à Vida (GUARNIERI, 1991, p.3).

Assim, concordamos que os museus precisam garantir que os visitantes, que são seu elo de ligação com a sociedade e com o mundo, sejam o centro de sua atuação. Que a preservação das coleções e pesquisas sejam voltadas ao seu desenvolvimento.

Com essa convicção, podemos afirmar que os museus da Universidade de São Paulo precisam promover mudanças para atrair novos visitantes, priorizando seu papel fundamental no cerne dos processos museológicos, tornando-os mais conhecidos e atrativos para diferentes públicos.

Com o objetivo de encontrar os entraves e possíveis caminhos para essas mudanças, dedicamos esse artigo, resultante da pesquisa qualitativa nos museus atualmente abertos da USP, a análise sobre o acesso dos visitantes e sobre a acessibilidade cultural existentes nesses espaços. Acreditamos também que as questões que vão emergir a partir da apresentação dos dados e da discussão dos resultados podem suscitar um debate fundamental sobre o papel da extensão cultural da Universidade no âmbito cultural da Cidade de São Paulo.

Este artigo busca perceber o papel dos museus universitários na sociedade, seu público e suas estratégias de comunicação. Pretendemos ainda identificar a implementação de políticas de acesso e acessibilidade.

Para melhor compreender as políticas de acesso aos museus da USP, investigamos os seguintes objetivos específicos: o que é considerado política de acesso à museus na USP; se existem políticas institucionais para promover ou facilitar esse acesso; e quais facilidades e obstáculos são encontrados no acesso aos museus da USP.

2. Acessibilidade em museus universitários

As universidades são as instituições responsáveis por produzir e disseminar conhecimento, por meio de ensino, pesquisa e extensão, funções divididas de forma heterogênea, sendo, em geral, a atividade de extensão a mais frágil e com menos recursos financeiros (RIBEIRO, 2005). Algumas iniciativas institucionais buscam desconstruir os muros (invisíveis) criados entre a sociedade e a Universidade, e divulgar o conhecimento produzido nesta para toda aquela. Alguns museus e institutos da USP cumprem essa função, ao oferecerem mostras de arte, exposições científicas, eventos lúdicos e educativos. Além disso, os museus têm a função de salvaguardar acervos, fazer pesquisa e disseminar a informação com exposições de longa duração e temporárias, dentro e fora dos campi.

Segundo o Conselho Internacional de Museus - ICOM¹:

Um museu é uma organização sem fins lucrativos, instituição permanente, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e exhibe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu ambiente para fins de educação, pesquisa e diversão (ICOM/BR, 2009, p.28).

Considerados espaços de educação não-formal, os museus são entendidos como instituições públicas que têm papel social e provocador de mudanças, propondo atividades inclusivas com base nos problemas e demandas sociais (SARRAF, 2006). Numa perspectiva que considera como exclusão social os processos pelos quais os cidadãos têm acesso limitado aos instrumentos que permitem uma participação plena na sociedade, os museus podem ter papel importante na rede de elementos sociais que promovem a inclusão (AIDAR, 2002).

Em nossa concepção, para que um museu seja inclusivo, deve oferecer pleno acesso a seus espaços e conteúdos. Conforme a citação a seguir, concordamos que:

Acessibilidade Universal é a promoção de acesso livre de barreiras em todas as esferas da sociedade. Nos museus e espaços culturais é a garantia do direito de alcançar, perceber, usufruir e participar de tudo que é oferecido para o público em geral com respeito, dignidade e sem barreiras físicas, de comunicação, informação e de atitude (SARRAF, 2014, p. 59).

Para que a acessibilidade universal deixe de ser um desejo presente no discurso dos gestores de museus e se transforme em uma realidade que mude de fato o espaço físico e as estratégias de comunicação e mediação, é necessário considerar medidas que adotem o Desenho Universal. O conceito do Desenho Universal, cunhado por engenheiros e arquitetos nos EUA na década de 1970 e usado como base conceitual para o desenvolvimento de normas e serviços que garantam a acessibilidade universal, consiste no desenvolvimento de projeto de produtos e ambientes para serem usados por todos sem necessidade de adaptação ou recurso exclusivo para pessoas com deficiência (CAMBIAGHI, 2008).

A vantagem de adotar o Desenho Universal como parâmetro para o desenvolvimento de medidas que garantam o acesso para todos os públicos do museu é permitir que as adequações físicas, comunicacionais e a criação de novas estratégias de atração de visitantes sejam adequadas para todas as pessoas, independente de suas características pessoais, idade, ou habilidades, uma vez que os recursos que adotam esses parâmetros usam uma escala larga de preferências e de

¹ *International Council of Museums* - órgão criado pela UNESCO em 1948 para regulamentar o trabalho dos museus e de seus profissionais, propondo reflexões e atualizações para a área e garantindo o permanente diálogo com a sociedade.

habilidades individuais ou sensoriais dos usuários para que qualquer ambiente ou produto possa ser alcançado, manipulado e usado, independentemente do corpo do indivíduo, postura, mobilidade e suas aptidões sensoriais e intelectuais. Segundo Carletto e Cambiaghi:

O Desenho Universal não é uma tecnologia direcionada apenas aos que dele necessitam; é desenhado para todas as pessoas. A ideia é, justamente, evitar a necessidade de ambientes e produtos especiais para pessoas com deficiências, assegurando que todos possam utilizar com segurança e autonomia os diversos espaços, serviços e produtos (CARLETTO; CAMBIAGHI, 2008).

A acessibilidade universal, entretanto, não se restringe a oferecer produtos e serviços adequados às diferentes disposições dos visitantes. Segundo Cohen (2012), também é importante atentar para o conceito de ambiência (ambiente + consciência), no qual a abrangência do acesso vai além do espaço físico do museu, engloba também o percurso de chegada e o entorno: desde o acesso à informação por meio da consulta de websites, até a chegada física ao espaço cultural e as ofertas de serviços - transporte, alimentação, estacionamento e presença de outras ofertas culturais em suas imediações.

Também devemos ressaltar que a acessibilidade de um museu não pode ser restrita às adequações físicas. Um museu que deseja ser inclusivo de fato, atende a todos os seus públicos em todas as suas ações culturais e educativas. Neste sentido, o setor educativo tem papel chave na construção de estratégias de acesso intelectual ao conteúdo das exposições e das coleções. Não basta que profissionais de arquitetura e museografia eliminem as barreiras físicas. A eliminação das barreiras comunicacionais e atitudinais muitas vezes está nas mãos dos educadores, pois eles podem propor, criar e desenvolver recursos e atividades de mediação acessível e sensorial como maquetes táteis, réplicas e oficinas de criação, usando vários sentidos de percepção.

Esse trabalho é de fundamental importância na eliminação das barreiras de fruição que permitam a acessibilidade intelectual, uma vez que a predominância da comunicação nos museus e exposições é visual. A interação multissensorial com as exposições apresenta benefícios estendidos a outros visitantes que podem utilizar suas diferentes capacidades para criar elos com o patrimônio cultural.

Mesmo sabendo que nós seres humanos, percebemos o mundo através de todos os nossos sentidos, a comunicação e as estratégias de mediação em espaços culturais permanecem explorando excessivamente a visão, deixando de lado toda a riqueza de relações que podem ser estabelecidas de maneira acessível e inclusiva (SARRAF, 2006, p.70).

No caso das pessoas com deficiência, muitas só conseguem ter acesso às exposições e propostas de mediação do museu por meio de atividades educativas concebidas especialmente para elas.

Em sua mais recente evolução, os recursos e atividades desenvolvidos para beneficiar as pessoas com deficiência começam a ser compartilhados e estendidos aos demais visitantes, viabilizando assim a acessibilidade universal, que considera a eliminação de barreiras físicas, de comunicação, informação, fruição e atitude.

3. Pesquisa de campo: levantamento sobre as condições de acesso

Alguns aspectos que podem facilitar o acesso aos museus já são consensos na área, tais como gratuidade permanente ou em dias determinados, horários alternativos e flexíveis de funcionamento, como abertura à noite e aos finais de semana; localização geográfica, facilidades em relação ao transporte para chegar ao local, especialmente o transporte público dentro e fora do *Campus*; e infraestrutura física e arquitetura facilitada, contendo rampas e elevadores, pisos, portas e banheiros adaptados. Além de outras ações como ampliação da divulgação; atividades extramuros; presença de materiais expositivos que permitam sua leitura por pessoas com deficiências, como textos em braile e objetos táteis, ou interfaces que explorem diversos sentidos e formas de expressão e educadores treinados a atender todos os públicos. Para melhor compreender a situação em relação à visita aos museus desta Universidade, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os profissionais responsáveis por esses museus.

O roteiro de perguntas para as entrevistas foi estruturado em cima de algumas questões norteadoras: O que pode ser considerado uma política de acesso a museus? Existem políticas institucionais para promover ou facilitar o acesso? Existem discussões sobre a cobrança de ingresso? Quais facilidades e obstáculos são encontrados no acesso aos museus da USP? A Universidade dispõe de meios para facilitar esse acesso? Quais são os recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência oferecidos? Eles são extensivos aos demais visitantes? Assim, com este trabalho, pretendemos iniciar uma reflexão sobre políticas de acesso dos museus da Universidade de São Paulo, tentando compreender como elas influenciam sua visita.

3.1 - Metodologia

Este trabalho encontra-se inserido numa perspectiva qualitativa de pesquisa, que pretende compreender em profundidade universo analisado. Segundo Gutberlet e Pontuschka:

A pesquisa qualitativa, de modo geral, privilegia a análise de micro processos, os estudos de ações sociais individuais ou grupais, realiza um exame intensivo dos dados coletados por diversos métodos específicos [...] [...] e instiga um enfoque social crítico e uma abordagem participativa no próprio fazer da pesquisa (GUTBERLET; PONTUSCHKA, 2010, p.218-219).

Devido às limitações de tempo para a coleta e interpretação dos dados, consideramos que esta pesquisa tem um caráter exploratório, podendo servir de diagnóstico e base para futuras ações. Segundo Piovesan e Temporini (1995), um estudo exploratório parte de uma situação de pouco ou nenhum conhecimento do universo pesquisado, para alcançar a condição de um conhecimento qualitativo autêntico desse mesmo universo, e então servir como base para ações futuras.

Os resultados aqui apresentados e discutidos ainda não influenciaram a situação atual descrita, mas pretendemos dar continuidade a essa iniciativa e numa segunda fase aproximá-la de uma pesquisa-ação, incluindo propostas de devolutiva e de intervenção, que se reflitam em mudanças. Segundo Thiollent (2000, p.4), "A pesquisa-ação é realizada em um espaço de interlocução onde os atores implicados participam na resolução dos problemas, com conhecimentos diferenciados, propondo soluções e aprendendo na ação [...]".

Com base nas discussões propostas, acreditamos que este trabalho tende a uma aproximação com os paradigmas socioculturais, visto que estamos levantando e interpretando dados sobre acesso à cultura, nesse caso aos museus. Realizamos a pesquisa sob a luz de um pensamento crítico, com o objetivo de discutir algumas questões sociais contemporâneas, para posteriormente propor uma transformação da realidade vigente, conjuntamente com os sujeitos envolvidos nesse processo.

3.2 - Universo de pesquisa

A Universidade de São Paulo possui atualmente 18 museus, localizados na capital e em outras cidades do Estado. Quatro deles são considerados como unidades da Universidade, possuindo autonomia orçamentária e administrativa, sob responsabilidade da USP desde a década de 1960 (MORTARA, 2001). São, portanto,

chamados museus *estatutários*: Museu de Arqueologia e Etnologia, Museu de Arte Contemporânea, Museu Paulista e Museu de Zoologia, todos localizados na Cidade de São Paulo.

Os outros 14 estão ligados a diversas unidades da USP: Centro de Preservação Cultural (CPC), Centro Universitário Maria Antonia, Estação Ciência, Museu de Ciências e Parque CIENTEC, da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária; Museu da Educação e do Brinquedo, da Faculdade de Educação; Museu de Anatomia Humana, do Instituto de Ciências Biomédicas; Museu de Anatomia Veterinária, da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia; Museu de Geociências, do Instituto de Geociências e Museu Oceanográfico, do Instituto Oceanográfico; Museu Histórico Prof. Carlos da Silva Lacaz, da Faculdade de Medicina, todos na Cidade de São Paulo; Centro de Divulgação Científica e Cultural (CDCC), em São Carlos; Museu Republicano Convenção de Itu, em Itu; Ruínas Engenho São Jorge, em Santos.

Sobre essas múltiplas características administrativas, Ribeiro (2013) diz que, mesmo quando os museus universitários não são formalmente vinculados às unidades extensionistas, muitas vezes os financiamentos universitários para os museus provêm da extensão, pois as atividades vinculadas aos museus não costumam ser encaradas como atividade de pesquisa.

Para a pesquisa de campo, optamos por trabalhar com os museus da USP localizados na Cidade de São Paulo. Além disso, baseado na definição de museu do *International Council of Museums* (ICOM), nosso recorte incluiu somente os museus em que suas exposições estivessem abertas ao público e que possuem coleções.

Estabelecidos estes critérios, nosso universo de pesquisa contempla somente cinco dos 18 museus da USP citados, são eles: Museu do Instituto Oceanográfico, Museu Histórico Professor Carlos da Silva Lacaz, Museu de Anatomia Veterinária, Parque CIENTEC, Museu de Arte Contemporânea, citados no item 3.1.

3.3 - Coleta de dados

Para levantar informações sobre horário, público, divulgação e as percepções dos profissionais dos museus sobre acesso e outros aspectos sobre o funcionamento de suas instituições, utilizamos duas ferramentas de maneira complementar: entrevista semi-estruturadas e análise documental, descritas a seguir.

3.3.1 - Entrevistas

Para compreender a situação do acesso aos museus da USP, fizemos entrevistas semi-estruturadas com os responsáveis pelos setores que tratam da visitação e público em cada um dos cinco museus. Os sujeitos foram contatados por *e-mail* e telefone, e a eles explicado o contexto e os objetivos da pesquisa. As entrevistas foram realizadas durante o mês de abril de 2014.

Com o objetivo de testar o roteiro planejado para a entrevista, fizemos um estudo piloto com um profissional de um dos museus da USP que se encontra fechado ao público e, por isso, não será analisado neste trabalho. Esta etapa piloto da pesquisa foi fundamental, para que pudéssemos adequar nossa ferramenta com relação à sua clareza e eficiência em atender nossas necessidades e objetivos para a coleta de dados.

Após essa adequação, as demais entrevistas foram agendadas. Quatro delas foram feitas pessoalmente com duração média de 40 minutos cada, gravadas em áudio e transcritas integralmente. Por dificuldade de agenda, a quinta entrevista foi realizada por email, com o envio das questões e das respostas por escrito. Visando preservar a identidade dos sujeitos, suas entrevistas são identificadas como M1, M2, M3, M4 e M5.

3.3.2 - Análise documental

Para obter informações iniciais e complementares, foram acessados o sítio de cada museu na internet e da própria Universidade. Neste levantamento, obtivemos informações sobre histórico, missão e objetivos, horário de funcionamento para o público, localização e valor do ingresso. Estes dados foram complementados com a análise de relatórios institucionais, enviados por alguns entrevistados. Quando necessário, informações adicionais foram solicitadas aos entrevistados por mensagens de e-mail e por contato telefônico.

3.4 - Análise dos dados

Tanto os documentos como a transcrição das entrevistas foram submetidos à uma análise de conteúdo temática, seguindo os passos propostos por Bardin (2001) e Minayo (2008). Segundo esta autora, fazer uma Análise Temática consiste em “descobrir os *núcleos* de sentido que compõe uma comunicação, cuja *presença* ou

frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado” (MINAYO, 2008, p.316, grifos da autora).

A análise de conteúdo deve ser objetiva, com regras preestabelecidas passíveis de reprodução, e sistemática, com objetivos e metas prévias orientando a ordem e categorização do conteúdo analisado. Segundo Bardin (2001), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Assim, considerando as etapas propostas de pré-análise, exploração do material e, finalmente, o tratamento dos dados e interpretação (MINAYO, 2008), nossa análise partiu de uma leitura exaustiva e repetida com um olhar interrogativo sobre os dados obtidos. Foram construídas duas tabelas, uma com a síntese das informações dos museus (Tabela 1) e outra com falas das entrevistas, da qual emergiram as principais categorias da análise. A fase final foi a interpretação e atribuição de significados, analisando os padrões que emergiram dos dados e procurando relacionar os diversos conteúdos.

4. Resultados e discussão: a situação atual de visitação

4.1 - Os museus desta pesquisa

No momento em que este levantamento foi realizado (março e abril de 2014), sete museus da USP na cidade de São Paulo encontravam-se fechados ao público, por motivos diversos. Diante deste fato, como já foi dito anteriormente, o universo dessa pesquisa contempla cinco espaços. Cada um deles é brevemente apresentado a seguir, conforme sua própria divulgação no site institucional ou no site da USP:

- **Museu do Instituto Oceanográfico:** o museu tem como objetivo difundir a ciência dos oceanos e as pesquisas desenvolvidas pelo Instituto Oceanográfico. Dentre suas atividades, está o suporte às atividades de educação básica, através da extensão de serviços à comunidade. O Museu mantém sua exposição dividida em módulos que evidenciam a dinâmica e a biodiversidade dos oceanos.

- **Museu Histórico Professor Carlos da Silva Lacaz:** o Museu é ligado à Faculdade de Medicina da USP, localizado na região central da cidade, e tem como

premissa realizar ações voltadas para a preservação, a investigação e comunicação de seus bens patrimoniais ligados à institucionalização da medicina e das práticas de saúde no Brasil.

- **Museu de Anatomia Veterinária (MAV):** ligado à faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia. Foi aberto à visitação pública em 1984, apresenta em sua atual exposição peças preparadas, estudadas e preservadas ao longo dos anos. A exposição apresenta o acervo em um circuito expositivo de visitação organizado em módulos temáticos, sob o título *Dimensões do corpo: da anatomia à microscopia*.

- **Parque CIENTEC:** o Parque CIENTEC disponibiliza visitas monitoradas com um roteiro pré-definido, com duração de aproximadamente duas horas. Aos sábados, o Parque atende público espontâneo, grupos diferenciados e grupos escolares, com algumas atividades e palestras temáticas em sábados alternados.

- **Museu de Arte Contemporânea (MAC):** em 2013, o acervo foi transferido para sua nova sede no Parque do Ibirapuera, mas sua sede no *campus* Butantã tem à disposição de estudantes, especialistas e público em geral um centro de referência sobre arte moderna e contemporânea, brasileira e internacional, formado por uma biblioteca e um arquivo documental.

A Tabela 1, a seguir, apresenta a síntese das informações levantadas sobre cada um dos museus nas entrevistas e da análise documental. Esta visualização nos permite uma comparação mais direta entre as informações e nos mostra o alto grau de autonomia que cada instituição tem dentro da USP em relação a esses pontos.

Destacamos então, algumas das informações aqui colocadas. Apenas dois dos cinco museus estudados estão localizados dentro do *campus* Butantã da USP: Museu Oceanográfico e o Museu de Anatomia Veterinária. O Parque CIENTEC localiza-se no bairro da Água Funda, zona Sul; o Museu de Arte Contemporânea teve seu acervo transferido para a nova sede no Ibirapuera; o Museu Histórico Prof. Carlos da Silva Lacaz localiza-se junto à Faculdade de Medicina, bairro de Cerqueira César (região central da cidade). O impacto sobre a localização destes espaços foi tema discutido durante as entrevistas.

Tabela 1 - Informações sobre os museus estudados.

Museu	Localização	Horário de funcionamento	Valor de ingresso	Visitantes em 2013	Programas de acesso
Museu de Anatomia Veterinária	Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia - Cid. Universitária	3ª a 6ª, 9h - 17h sábado, 9h - 14h	R\$ 6,00 (inteira) R\$ 3,00 (meia) Algumas Gratuidades	7.745 (6.072 escolares)	Programa Vivendo a cultura da USP
Museu de Arte Contemporânea	Av. Pedro Álvares Cabral, 1301 - Ibirapuera	3ª, 10h - 21h 4ª a domingo, 10h - 18h	Gratuito	6.443 (grupos agendados)	
Museu Oceanográfico	Instituto Oceanográfico – Cidade Universitária	3ª a 6ª, 9h - 17h sábado, domingo e feriado, 10h-16h	Gratuito	8.903 (5.904 escolares)	Programa “USP aos finais de semana”
Museu Histórico Professor Guto da Silva Lacaz	Faculdade de Medicina Av. Dr. Arnaldo, 455 – Cerqueira César	2ª a 6ª, 9h - 12h / 13h - 16h, sábado, domingo e feriado - Fechado	Gratuito	3.368	Projeto de acessibilidade para deficientes visuais
Parque CIENTEC	Av. Miguel Stefano, 4200 – Água Funda	2ª a 6ª, 9h - 17h sábado, 9h - 16h	Gratuito Escolas particulares (R\$ 2,00)	30.440	

Como podemos ver, o horário de funcionamento, valor do ingresso ou gratuidade são diferentes para cada um dos museus e mostram que estas questões são discutidas e decididas internamente em cada museu. Fato, confirmado nas entrevistas.

Em relação aos projetos de divulgação e de inclusão, essa autonomia fica ainda mais evidente. Durante a pesquisa foram identificadas algumas ações citadas pelos museus e outras da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU) da USP que visam ampliar o acesso aos museus da USP. No entanto, as informações fornecidas são conflitantes e divergentes, nos sites dos museus, da Pró-Reitoria e nas entrevistas. A revista da USP “Espaço Aberto” edição 157, de fevereiro de 2014, menciona o projeto “Um dia no Museu: Vivendo a Cultura na Cidade Universitária”, da PRCEU, que convida as pessoas a descobrirem os museus da Universidade. Estão incluídos neste programa o Museu Oceanográfico, o Museu de Anatomia Veterinária e o Museu de Ciências, indicando os endereços das páginas de cada instituição para informações sobre horários e programação própria. Contudo, não encontramos mais informações sobre o projeto, nem mesmo no site da PRCEU. Nesta página, no entanto, é mencionado o programa chamado “Giro cultural” que prevê alguns roteiros

de visita pela USP. Este programa foi citado apenas pelo entrevistado do Museu do Instituto Oceanográfico, que relatou ser uma das principais fontes de visitantes atualmente, mesmo que permita a visita planejada por eles, devido ao curto tempo que o grupo permanece no espaço.

5. Discussão: barreiras de acesso aos museus da USP

Enquanto as soluções para acessibilidade aparecem de forma isolada em cada instituição, as barreiras a estes museus parecem ser compartilhadas por eles. Durante a análise das entrevistas, identificamos algumas delas, que serão discutidas a seguir. A partir desses pontos, iniciamos uma reflexão sobre cada item, fazendo alguns questionamentos e apontando possíveis desdobramentos.

No que tange as atividades de divulgação, o que nos pareceu mais relevante com relação ao acesso aos museus da USP é a divulgação incipiente destes espaços, reconhecida pelos entrevistados:

A falta de conhecimento do público de que aquilo existe, por que a gente também não tem uma divulgação boa para falar que o espaço existe (...) e a gente fica numa saia justa, porque a gente não tem ainda uma infraestrutura pra chamar público. (M5)

Com base em nossa investigação, acreditamos que os atuais meios de divulgação propostos pelos espaços atingem um público muito restrito. Os entrevistados deram ênfase na divulgação pela internet, mencionando inclusive a reformulação de suas páginas e construção de perfis nas redes sociais.

A gente já gostava do site do museu, nós fizemos um aprimoramento do site. Incluímos uma interface com o facebook no site, que fica a cargo de uma bolsista, que é exclusiva para fazer a atualização do facebook semanalmente. (M1)

Quando a gente chegou, já a primeira coisa que a gente falou foi “a gente tem que mudar essa comunicação com o público”. No primeiro momento, então a gente mexeu bastante no setor educativo, e também na comunicação externa, pelos realeases. (...) Então a gente começou aos poucos a mexer nessa comunicação ... e o site era um dos pepinos maiores. (M5)

Consideramos que, no contexto atual, esta forma de comunicação com o público é de extrema importância e não pode ser negligenciada. Todavia, questionamos quais públicos são alcançados por esse tipo de ação. Acreditamos que ela não deva ser a única e, portanto, outras mídias devem ser construídas, para incluir novos visitantes.

Entretanto, os entrevistados manifestaram certa reticência em proporcionar uma divulgação mais eficiente, pois consideram que, no momento, falta infraestrutura para ampliar o público.

Eu fico um pouco reticente de aumentar o público e não dar essa qualidade. (M1)

Para não também sobrecarregar, porque o espaço, ele é pequeno. Então também limita um pouco nesse sentido: de não poder fazer uma divulgação tão ampla. Porque a gente sabe que não daria conta de receber um público tão grande assim, né? (M4)

Além disso, sendo parte de um órgão do Estado, os recursos financeiros podem ser insuficientes e a utilização deles muito burocrática para proporcionar maior acesso aos museus, ampliar e diversificar seu público. Os entrevistados relataram dificuldade em utilizar os recursos públicos, pois mesmo quando a instituição dispõe deles, encontra a lentidão e excesso de burocracia características da Universidade, causando uma demora na efetivação dos projetos previstos, como relatado para o M5.

A gente tem [dinheiro], mas não consegue gastar! Esse é o grande nó, entendeu? A gente está com vários projetos de restauração, não teve um que foi executado ainda. Então, assim... não está mais na nossa mão, entendeu? Fica muito difícil da gente caminhar, de fazer algum pedido. (M5)

Dois dos entrevistados sugeriram também que a temática de cada museu pode se constituir em uma barreira para acessá-los, na medida em que o desconhecimento ou a falta de interesse pelos assuntos abordados pode distanciar o público.

Primeiro de tudo eu acho que é a temática científica. Eu acho que a gente ainda não tem um público formado para isso. (M5)

Posso dizer que o problema reside numa ausência de cultura artística como forma de conhecimento e estímulo à aquisição de cultura. (M2)

Apesar de compreender que o interesse prévio pela temática do museu é um elemento motivador/desmotivador para o público visitar um aparato cultural, questionamos se interpretar a baixa frequência de visitação a uma ausência de interesse dos visitantes não seria uma leitura simplificada das variáveis envolvidas

Outra questão que emergiu dos dados coletados e nos parece relevante para a visitação dos museus estudados é o horário e dias de funcionamento, variável entre eles. Podemos notar que a maioria deles não abre aos domingos, o que pode restringir o acesso de pessoas que disponham somente deste dia para atividades culturais, além de nenhum deles prever atividades noturnas.

A localização do museu também foi levantada como um fator que influencia sua visitação. As instituições analisadas não são satisfatoriamente atendidas por meios de transporte públicos, alguns em locais de difícil acesso e/ou desconhecidos, como dentro de um edifício que não parece ser de acesso público, e mesmo a própria Cidade Universitária.

A Cidade Universitária é uma cidade desconhecida do público. Parece que a USP não é acessível, isso é a imagem que a USP, pra mim, passa para a comunidade. A USP não é acessível... Então eu acho que o investimento tem que ser na questão da Cultura e Extensão, e aí você investir em política de Cultura e Extensão, você automaticamente vai ter que investir em divulgação e acessibilidade. (M3)

É comum que acessibilidade seja compreendida apenas com gratuidade, oferta de transporte gratuito ou eliminação de barreiras físicas. E neste trabalho estamos trazendo um conceito mais abrangente de acessibilidade, no sentido de promover acesso a todos os públicos aos museus e espaços culturais. E quando a Universidade não cria mecanismos para que as pessoas cheguem aos museus, está criando uma enorme barreira de acesso.

Pudemos compreender pelos dados coletados, que a questão da gratuidade não configura uma barreira decisiva, visto que a maioria dos museus analisados oferecem entrada gratuita.

Os entrevistados não percebem relação entre o valor de ingresso e a ampliação, diminuição ou aumento de público, e as justificativas para sua cobrança variam entre as instituições.

O não pagamento faz com que não valorizem muito. Eu tenho essa impressão, entendeu? Dois reais é simbólico? Pelo menos paga alguma coisa simbolicamente, mas está pagando. (M5)

Discutimos com a chefia e chegamos a um consenso que isso não interferiria, isto é uma hipótese nossa... Quando alguém vem e fala que não tem dinheiro ou não sabia, a entrada é liberada, isso não é impeditivo. Nossos funcionários foram treinados para explicar porque a gente cobra ingresso. Explicam que todo o dinheiro do ingresso é revertido para o museu. Todos os benefícios, placas novas, legendas, cúpulas de acrílico tudo isso é comprado com o dinheiro de arrecadação. Esse dinheiro vai para a Fundação da Faculdade, então a gente consegue utilizá-lo de forma mais ágil, mais direta. (M1)

Para alguns, o ingresso surge como alternativa à burocracia na utilização das verbas da USP, sendo mais simples de acessar, assim como a presença de associações ou fundações que participam no financiamento de dois museus.

Existe, portanto, uma autonomia dos museus para definir o valor do ingresso e sua política de gratuidade, não havendo orientações provenientes da Universidade. Além disso, em cada instituição essa decisão pode mudar em cada gestão, sendo uma decisão ou luta quase pessoal.

Percebemos que a acessibilidade física e intelectual aos espaços é uma preocupação dos entrevistados, porém, diante de tantas outras questões de carência estrutural, não conseguem entrar na pauta das discussões internas dos museus. Apenas um dos museus estudados possui espaço planejado especificamente para pessoas com deficiência física e para pessoas com deficiência visual.

Pra essa exposição uma coisa bastante interessante: é que foi ampliada essa questão da acessibilidade, né, então tem toda uma preocupação com o espaço para cadeirantes e para deficientes visuais. (M4)

A gente tem uma mesa de toque, com material de toque, mas isso é mais uma atividade lúdica do que para deficientes. A gente não tem sinalização, acesso enfim, é algo que precisa de um projeto para isso. (M1)

Entretanto, na contramão desses fatos, foi possível perceber uma visão otimista nos depoimentos dos profissionais e gestores que atuam nos museus da Universidade de São Paulo em relação às promessas de futuras obras estruturais, que incluem restauração e adequação para acessibilidade dos prédios. Essas reformas são encaradas como uma das soluções para ampliação do acesso.

Com essa reforma total aí, né? Porque a gente vai ter área de recepção, área de dispersão, isso vai ter um monte de coisa envolvida que vai possibilitar todo esse fluxo porque do jeito que tá eu não consigo. Eu já cheguei atingir até 25 mil visitantes por ano... já cheguei atingir do jeito que tá... mas pra poder aumentar esse público. (M3)

Mas pretendemos, que se esse prédio ficar pronto - que é um sonho - eu acho que isso vai resolver, porque a ideia é que seja um espaço muito maior do que a gente tem hoje e com esse acesso direto ao público, né? (M4)

Durante nossa pesquisa, tentamos obter informações sobre os programas existentes tanto dentro da USP, promovidos pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, como em cada um dos museus, mas recebemos informações conflitantes nas entrevistas, no site e por telefone.

Além disso, há uma desinformação por parte da Universidade sobre os programas de ampliação de acesso aos museus da USP. O Centro de visitantes, a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, a Tenda Cultural e o Museu de Ciências - que tem

em sua origem um papel de agregar todos os museus da USP - apresentam informações incompletas e conflitantes sobre esses programas, como por exemplo os nomes dados aos programas de visita aos museus. Mesmo com as entrevistas, informações disponíveis nos sites e contatos telefônicos com os diferentes órgãos da Universidade não conseguimos identificar os nomes, as características de funcionamento de cada um deles

Este fato nos leva a questionar que, apesar dos museus serem conscientes do seu papel social, não fica claro se a Universidade está preocupada com a ampliação do acesso do público a esses espaços.

6. Conclusão: a articulação é necessária para promoção do acesso

Na década de 2000, o Brasil deu um salto qualitativo que vem impulsionando o crescimento dos museus de uma maneira geral. Podemos atribuir esse crescimento principalmente ao compromisso do governo federal em estabelecer políticas públicas, planos de atuação e incentivos para o desenvolvimento do setor museológico. Segundo Gilberto Gil, ex-Ministro da Cultura cuja gestão estabeleceu o Plano Setorial de Museus, a Política Nacional de Museus, criou o Instituto Brasileiro de Museus, entre outras ações, *“Os museus do mundo contemporâneo são lugares de criação, diálogo e preservação do aqui e do agora”* (PNM-MinC, 2005, p. 6) e ainda afirma que *“Os museus brasileiros estão vivos novamente e abertos à vida que há fora deles”* (PNM- MinC, 2005, p. 7).

Com os investimentos financeiros em museus vinculados à União, com a criação de editais de financiamento de novos museus, modernização de museus, premiações para iniciativas de educação patrimonial, incentivo ao jornalismo cultural e criação de cursos de capacitação, graduação e pós-graduação na área podemos vivenciar um cenário de crescimento não apenas no campo profissional e científico da Museologia, mas também nas relações dos diferentes públicos com os museus. Se há duas décadas atrás os museus eram vistos pelas pessoas como lugar de coisas velhas, atualmente podemos perceber o aumento quantitativo de visitantes e qualitativo em relação às ações e atividades diversas voltadas aos interesses dos diferentes públicos alvo das instituições.

A idéia de museu como espaço sacralizado, em que os visitantes devem falar baixo, não rir, não correr, vem sendo combatida por outra noção de museu como lugar que permite a participação dos visitantes (caráter interativo das exposições, por exemplo) e a comunicação de

idéias, e não apenas como local de exposição de obras para espanto ou deleite do público. Essa nova concepção – que de todo modo não dessacraliza o museu – se deve tanto à visitação em massa (nos países do primeiro mundo, sem dúvida...), gerando a necessidade de aperfeiçoamento da mídia dos museus, como a transformações conceituais na museologia, levando os profissionais dos museus a buscar ampliar o número de visitantes e a aprimorar a qualidade da visitação (COELHO NETO, 1997 p. 327).

No campo específico dos museus universitários, segundo Ribeiro (2013), apenas no século XIX começou a preocupação com o atendimento especializado do público visitante nesses estabelecimentos. De acordo com a autora, apesar de existirem desde o XVIII, esses museus não tinham verbas suficientes destinadas às atividades educativas, comparando-se com a verba para a preservação das coleções materiais, que era a demanda principal das universidades, por seu caráter de pesquisa.

Os dados coletados também indicam que os museus atualmente pertencentes à USP têm recursos insuficientes para ampliar seu potencial educacional, de divulgação do patrimônio cultural, de visitação pública e do desenvolvimento de atividades de extensão e didáticas. A estrutura física também sofre com a escassez financeira, e a precariedade das condições prediais são uma das causas do fechamento temporário de algumas das instituições citadas no início do artigo.

É comum que acessibilidade seja compreendida apenas como eliminação de barreiras físicas e gratuidade da entrada e transporte, entretanto o conceito de acessibilidade cultural é pautado na garantia do acesso universal para todos os públicos aos museus e espaços culturais. Nesse sentido, se a Universidade não investe no acesso universal livre de barreiras físicas, de comunicação, informação, atitude e fruição aos seus museus está colocando em risco a preservação de seu patrimônio cultural e científico que depende do público para ter sentido e continuar vivo.

Acreditamos que a infraestrutura física dos espaços deve receber investimentos para promover a inclusão de todos os públicos. Todavia, sinalizamos que adequações arquitetônicas não solucionam todas as necessidades dos públicos. É preciso também um aporte de recursos para promoção de acessibilidade comunicacional, atitudinal e de informação.

Para pessoas com deficiência visual, auditiva, intelectual e múltipla, as adequações precisam ser implementadas no atendimento aos visitantes livre de atitudes constrangedoras e com informação sobre comunicação e orientação para

recepcionistas, educadores e colaboradores em geral do museu; oferta de tecnologias assistivas para autonomia no acesso as exposições, materiais educativos e informativos; sinalização do espaço físico e adequações dos recursos de comunicação e mediação que considerem as diferentes percepções.

É importante que acessibilidade física e acessibilidade cultural, que envolve comunicação, atitude, informação, fruição e acolhimento para diferentes visitantes, caminhem juntos. Nesta direção, concordamos com Aidar (2002) que uma mudança nas práticas museais deve ocorrer, uma vez que a comunicação museológica é a área que mais pode contribuir para o processo de inclusão. Ela se dá no âmbito da difusão do conhecimento e na criação de narrativas inclusivas. A autora também afirma que a possibilidade de integrar o potencial informativo dos museus e a preservação do patrimônio pode promover benefícios sociais (AIDAR, 2002).

Se por um lado os museus participantes da pesquisa reconhecem as dificuldades orçamentárias e limitações físicas de seus espaços e atribuem a melhoras das condições prediais, contratação de equipes e a melhoria dos serviços oferecidos à ampliação da capacidade de atendimento de todos os públicos, por outro entendemos que os museus devem também investir em ações de divulgação - que são ainda muito restritas - para ampliar seu público e mobilizá-lo com a finalidade de justificar e embasar suas necessidades diante dos órgãos superiores.

A realidade das instituições públicas prova que existe a possibilidade de aporte financeiros significativos após muita espera e mudanças políticas inerentes a troca de gestores, crises internas e situações adversas. Entretanto, as ações educativas e de divulgação científica e cultural, oferecidas dentro e fora do espaço físico dessas instituições podem ocorrer independentemente das oscilações que determinam o andamento ou cancelamento de atividades que dependem destes aportes financeiros e estruturais. E a manutenção destas ações, mesmo em momentos de crise, que garantem o acesso do público aos museus da Universidade, justificando os investimentos estruturais necessários.

Uma das questões centrais após realizar essa pesquisa foi a percepção de que não existe uma política de acesso dos museus da USP. Existem iniciativas pontuais, mas não há elementos integradores, que definam uma política unificadora. Entendemos os museus em geral, e os museus universitários especificamente, como instituições chaves na promoção de acesso à cultura. Nesse sentido acreditamos que a Universidade poderia estar mais comprometida com a promoção do acesso aos seus museus.

Acreditamos que seria positivo para as instituições e para seus visitantes, que pudessem se articular de forma a refletir coletivamente tais questões, bem como compartilhar boas práticas. Vale ressaltar que não estamos defendendo que uma política deva ser imposta por órgãos superiores, isto é, definida pela Universidade para ser seguida pelas instituições - o que poderia gerar resistência ou mesmo inibir boas práticas já existentes - mas que haja uma construção coletiva das próprias instituições, trazendo suas necessidades e possibilidades, junto com as instâncias reguladoras da Universidade que podem dar a força necessária para as ações de promoção do acesso.

Agradecimentos

Agradecemos à Profa. Jutta pelo estímulo e paciência durante a confecção deste trabalho. Agradecemos aos profissionais dos museus estudados pela gentileza em nos receber e fornecer as informações presentes neste estudo.

Referências

- AIDAR, Gabriela. Museus e Inclusão Social. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 31, p.53-62, 2002.
- ALMEIDA, Adriana Mortara. Museus e coleções universitários: por que museus de arte na universidade de São Paulo. 238p. *Tese* (Doutorado), Ciências da Informação e Documentação, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2001. Orientador: Prof. Dr. Maria Helena Pires Martins.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.); COUTINHO, Maria Inês Lopes; ARAÚJO, Marcelo (Cols.). *Waldisa Rússia Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010.
- CARLETTO, Ana Claudia; CAMBIAGHI, Silvana. *Desenho Universal: um conceito para todos*. Instituto Mara Gabrielli: São Paulo, 2008.
- CAZELLI, Sibeles. Ciência, Cultura, Museus, Jovens e Escolas: Quais as Relações? 260p. *Tese* (Doutorado) Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Orientador: Prof. Dr. Creso Franco.
- COHEN, Regina; DUARTE, Cristiane R. S.; BRASILEIRO, Alice B. H.. Acessibilidade e patrimônio: uma difícil relação. In: CARDOSO, Eduardo; CUTY, Jeniffer (Orgs.). *Acessibilidade em ambientes culturais*. 1. ed. Porto Alegre: Marca Visual, 2012. p. 108- 135.
- COELHO NETO, Jose Teixeira. *Dicionário Crítico de Política Cultural*. São Paulo: Iluminuras, 2004.
- ICOM/BR. *Código de Ética do ICOM para Museus: versão Lusófona*. São Paulo; Imprensa Oficial, 2009.

MARTINS, Luciana Conrado; MARANDINO, Martha. Políticas de financiamento da educação em museus: a constituição das ações educacionais em museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia. *Ensino em Re-vista* (UFU. Impresso), v. 20, p. 57-68, 2013.

MARTINS, Luciana Conrado. A constituição da educação em museus: o funcionamento do dispositivo museal por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia. *Tese* (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2011. Orientador: Prof. Dr. Martha Marandino.

MARANDINO, Martha. O conhecimento biológico nas exposições de museus de ciências: análise do processo de construção do discurso expositivo. *Tese* (Doutorado), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2001. Orientador: Prof. Dr. Myriam Krasilchik.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*, 11a ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MUSEU OCEANOGRÁFICO DA USP. *Relatório de Atividades do Museu Oceanográfico e Memória do IOUSP*. São Paulo, 2012.

MUSEU OCEANOGRÁFICO DA USP. *Roteiro de visitação*. Relatório. São Paulo, 2014.

MUSEU OCEANOGRÁFICO DA USP. *Descrição das atividades realizadas e informações sobre o Museu Oceanográfico IOUSP*. Relatório. São Paulo, 2014

PARQUE DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA USP. *Relatório de Atividades (janeiro de 2009 a novembro de 2013)*. Relatório. São Paulo, 2013.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. *Revista de Saúde Pública*, n.29, v.4, p. 318-25, 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v29n4/10>>. Acesso em: 18 mai. 2014.

IPHAN. *Política nacional de museus: relatório de gestão 2003-2004*, Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Departamento de Museus e Centros Culturais. Brasília: MinC/IPHAN/Demu, 2005.

REVISTA ESPAÇO ABERTO DA USP. Um dia no museu. Disponível em: <<http://www.usp.br/espacoaberto/?materia=um-dia-no-museu>>. Acesso em: abr. 2014.

RIBEIRO, Emanuela Sousa. Museus em Universidades públicas: entre o campo científico, o ensino e a extensão. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 2, n.4, p. 88-102, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/9630/7109>>. Acesso em: 01 dez. 2015.

SARRAF, Viviane Panelli. A inclusão dos deficientes visuais nos museus. *Revistas Musas*, n. 2, p. 81-86, 2006.

SARRAF, Viviane Panelli. Acessibilidade para pessoas com deficiência em espaços culturais e exposição: inovação no design de espaços, comunicação sensorial e eliminação de barreiras atitudinais. In: CARDOSO, Eduardo; CUTY, Jeniffer (Orgs.). *Acessibilidade em ambientes culturais*. 1. ed. Porto Alegre: Marca Visual, 2012. p. 60-78.

THIOLLENT, Michel Jean-Marie. A inserção da pesquisa-ação no contexto da extensão universitária. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (Orgs.). *Pesquisa participante*. O saber da partilha. Aparecida-SP: Idéias e Letras, 2006. p. 151-165.

UNESCO. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, 1948. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm/>. Acesso em: 10 ago. 2010.

Sítios na internet consultados

MUSEU DE ANATOMIA VETERINÁRIA DA USP. Disponível em: <<http://mav.fmvz.usp.br/index.php/pt-BR/>>. Acesso em: abr. 2014.

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA USP. <<http://www.mac.usp.br/mac/>>. Acesso em: abr. 2014.

MUSEU HISTÓRICO Professor Carlos da Silva Lacaz. Disponível em: <<http://www2.fm.usp.br/museu/index.php>>. Acesso em: abr. 2014.

MUSEU OCEANOGRÁFICO DA USP. Apresentação do Museu Oceanográfico. Disponível em: <<http://www.io.usp.br/Apresentação+do+Museu+Oceanográfico>>. Data do acesso: março e abril de 2014.

PARQUE CIENTEC DA USP. Disponível em: <<http://parquecientec.usp.br>>. Acesso em: abr. 2014.

Data de recebimento: 29.04.2015

Data de aceite: 21.09.2015